



## Caminhos, peregrinações e peregrinos: sagrado e profano nas festas religiosas como a construção de identidades

Paths, pilgrimages and pilgrims: sacred and profane religious festivals such as the construction of identities

Winifred Knox

Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil  
email: winknox@hotmail.com

**Resumo** - Pretendemos mostrar como os ritos religiosos da festa de Nossa Senhora dos Navegantes são permeados pelas idéias do sagrado e do profano presentes no imaginário social. No tempo da festa a qual dura por uma semana, tudo é diferente, esta abertura ao tempo sagrado sacraliza o profano, através da junção dos opostos. Esta separação no espaço/tempo religioso dos ritos do catolicismo, naquele momento, vive a união dos opostos, através do portal que se abre com a festa, permitindo os sincretismos religiosos no Brasil, transformando e unindo a diferença na pan diversidade. Observamos que além do rito "oficioso" que é composto pela procissão marítima e terrestre, terminando com a missa na Igreja local, vários outros ritos são observados, como o andar descalço durante todo o trajeto e o registro personalizado fotográfico com os santos da festa - Nossa Senhora dos Navegantes e São João Batista (padroeiro da paróquia), como mostraremos neste trabalho. Utilizando de nossa etnografia na vila pesqueira de Pitanguí/RN/Brasil trazemos as narrativas construídas nestes encontros entre o sagrado e o profano na memória e na vida dos participantes da festa. Mais do que um turismo religioso, percebe-se ainda uma devoção espiritual de retorno ao santuário memorial do existencial, como quando parte da existência se torna eterna e imortalizada pela memória de um tempo sacralizado pela festa e pela fotografia.

**Palavras chave:** caminho / peregrinações / festivais / Nossa Senhora dos Navegantes / Pitanguí

**Summary** - We intend to show how the religious rites of Nossa Senhora dos Navegantes feast are permeated by the sacred and profane ideas present in the social imaginary. During the feast, which lasts for a week, everything is different, this openness to the sacred time consecrates the profane, through the junction of opposites. This separation in the religious space/time of rites of catholicism, at that moment, live in the union of opposites through the portal that opens with the feast, allowing religious syncretism in Brazil, transforming and uniting the difference in the pan-diversity. We observe that besides the "officious" rite, which comprises the processions in the sea and in land, ending with the mass in the local church, several other rites are observed, such as walking barefoot throughout the path and customized photographic record with the celebrated saints - Nossa Senhora dos Navegantes and St. John the Baptist (patron of the parish), as we show in this paper. Using our ethnography in the fishing village of Pitanguí/RN/Brasil we bring the narratives constructed in these encounters between the sacred and the profane in the memory and life of the participants in the feast More than a religious tourism, we realize that there is a spiritual devotion of return to the memorial sanctuary of the existential, as when part of the existence becomes eternal and immortalized by the memory of a moment made sacred by the feast and by the photography.

**Keywords:** path / pilgrimages / festivals / Nossa Senhora dos Navegantes / Pitanguí

## INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido como um país religioso, porém heterogêneo em suas muitas manifestações religiosas. Ao longo de sua história, o povo brasileiro tem mostrado adotar a alternativa do sincretismo, da mistura e da apropriação simbólica e mística de elementos das religiões católicas e das de matrizes afro descendentes para a constituição da experiência do sagrado nas famílias, nos seus altares domésticos e nos ritos diários (DAMATTA, 1991). Não é possível pensar a forte presença do catolicismo sem reconhecer a complexidade e pluralidade de tipos e práticas (Souza, 2013). Com algumas diferenças (NERI, 2011) que começam a surgir nos últimos anos como o crescimento das igrejas protestantes e evangélicas, segundo nos mostram os estudos sobre a religiosidade no Brasil.

Pretende-se analisar as práticas religiosas e as representações simbólicas de sagrado e profano presentes em comunidades pesqueiras, visto que o foco de minhas pesquisas nos últimos dez anos está em comunidades pesqueiras. Tomando as manifestações religiosas das Festas de Nossa Senhora dos Navegantes, para uns, ou mesmo, Iemanjá, para outros, como o ponto de partida.

Compreendendo as práticas religiosas como inseridas no tecido social da vida cotidiana, percebe-se que as mesmas conformam um conjunto de práticas sociais, reveladoras, de um conjunto sistematizado de representações simbólicas da existência humana. Interessou-nos, precisamente, a interrelação deste conjunto com os aspectos relacionados ao mar, a maritimidade e à atividade pesqueira.

Neste sentido, entender como a experiência do sagrado nestas comunidades é vivenciada, é compreender, também, como isso se reflete na organização da vida social, das interdições, dos tabus, e das permissões. Assim como, também é constituir sentidos às práticas sociais. É também pensar como as transformações culturais influenciadas pelo processo de modernização e globalização da economia mundial atuam nas tradições religiosas, como as mesmas se adequam, se reinventam e permanecem.

## O SAGRADO E O PROFANO

Pensar os termos *sagrado* e *profano* é pensar categorias inseridas na própria experiência religiosa, cuja relação se mostra intrínseca com a vivência do espaço e do tempo. A experiência religiosa do sagrado é aquela, na qual a experiência com o divino, com o Ser supremo, se manifesta e se realiza. A do profano, por oposição, é aquela em que não se pode experimentar essa comunicação.

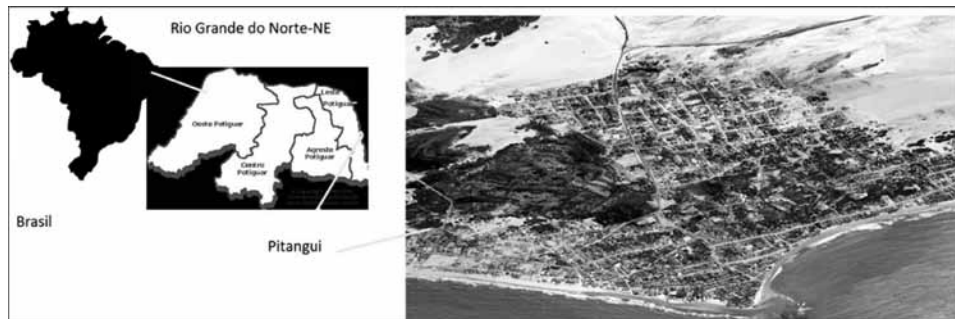


Fig. 1- Mapas do Brasil, Rio Grande do Norte-NE e foto aérea de Pitangui

Segundo Eliade (1992) a relação do espaço e do tempo influencia toda a experiência religiosa, pois o homem sedento do Ser e do Absoluto é desejoso de sacralizar todos os espaços, assim como eternizar o tempo religioso, transformando o cotidiano em sagrado. Assim é que acontece a adoção de símbolos de fronteiras como solução para a falta de continuidade entre um pólo e o outro (ELIADE, 2001).

Neste sentido, determinados objetos irão simbolizar esse limiar, essa fronteira para os espaços sagrados, como as portas de um templo, e determinados ritos vão simbolizar o início, a entrada de um Novo Tempo, outro ciclo, portanto, outra solução de continuidade para o tempo sagrado.

As festas religiosas carregam essa simbologia de um tempo reversível e circular, onde a morte e renascimento acontecem. No tempo sagrado das festas é possível ter a experiência do sagrado pela aproximação do Ser. É um momento de renovação, limpeza, mudança. Mesmo nas festas cristãs, cuja liturgia se desenvolve em um tempo histórico, santificado pela encarnação do Filho de Deus, as festas religiosas, carregam uma estrutura simbólica de nascimento, como o mito cosmogônico do surgimento do Cosmos.

*A História das festas de Nossa Senhora dos Navegantes*

Consta que o início da devoção a N.Sra. dos Navegantes originou-se na Idade Média, por ocasião das Cruzadas, quando os cristãos invocavam a proteção de Maria Santíssima. Sob o título de “Estrela do Mar”, rogavam sua proteção nos cruzados que faziam a travessia pelo Mar Mediterrâneo em direção à Palestina. É a padroeira, não só dos navegantes, mas também de todos os viajantes.

Tal tradição foi mantida entre os marítimos e foi difundida pelos navegadores portugueses e espanhóis, disseminando-se entre os pescadores litorâneos, principalmente no sul do Brasil, onde a concentração de cidades que a veneram como padroeira é significativamente expressiva. Assim, a comemoração à Santa acontece pelo litoral do Brasil em várias cidades, vilas e povoados praieiros, normalmente com uma procissão marítima e uma festa em terra onde todos da localidade buscam participar.

A estrutura simbólica da festa de N. Sra. Dos Navegantes a qual celebra mais um rito no tempo sagrado é rica. A começar pela figura central, que é a mãe de Jesus, aquela que cedeu seu corpo para a encarnação de Deus, portanto, como uma hierofania, tem seu corpo sacralizado. Mãe de um Deus tornado histórico para salvar os homens de seus pecados, também se torna mãe de toda a humanidade. Todo o simbolismo relativo à Mãe-Terra, princípio e meio está colocado. A mãe da agricultura que rege a fertilidade, a reprodução, parece aí fundir-se em N. Sra., com a vida no mar, através da Mãe dos mares, Yemanjá. A mãe é intercessora pelos pecadores, errantes e erráticos, e além da proteção, nos dá a possibilidade da vida.

É interessante notar que o nome Maria aparece tanto no primeiro Livro da Bíblia, o Gênesis, quanto no último, o Apocalipse, e surpreendentemente, ambas as referências são relacionadas diretamente ao mar.

Portanto, Maria, assim como as Deusas-mães, derrota os monstros e esmaga a serpente. Mesmo quando o dragão, às vezes serpente, lhe joga um rio pela boca (Apocalipse), para que se afogue, sendo levada pela correnteza, ela recebe ajuda da terra e reverte sua situação, engolindo o rio, que na verdade, é o mar. Terra e mulher recebendo a manifestação do divino. A manifestação do sagrado se faz por um objeto, como também a manifestação do mal, sem forma de serpentes ou dragões, os monstros em geral.

A estrutura do simbolismo aquático se baseia em dois pilares: a) As águas existiam antes da terra (como Genesis); b) Em valores específicos que as águas evocam.

Segundo Eliade (op.Cit) as águas simbolizam a soma universal das virtudes, elas precedem toda forma e sustentam toda a criação. É por isso que o simbolismo das águas implica tanto a morte como o renascimento.



Fig. 2- A procissão terrestre, percurso na praia  
Figura 3- Foto da missa da Festa N.Sra. Navegantes, 2010.



Fig. 3- Foto da missa da Festa N.Sra. Navegantes, 2010

A descrição do simbolismo das águas é também descrito por Corbin (1989) através do tempo histórico. O autor relata que a vivência da praia e do mar como um prazer a ser desfrutado pelos homens foi historicamente construído. É comum a quase todos os povos da Idade Média o simbolismo dos monstros marinhos, e do medo das águas. Enfim, as águas marinhas percebidas como algo de tenebroso e algo a ser evitado. É necessário, portanto, um guardião que combata os monstros marinhos. A guardiã feminina, N. Sra. Dos Navegantes, ou Iemanjá, aparece nas duas manifestações religiosas, a católica e as de matrizes afro descendentes.

## A FESTA EM PITANGUI

A descrição sucinta que virá a seguir traz uma diversidade de experiências advindas da participação nos festejos que acompanhamos enquanto estudávamos a comunidade pesqueira, entre 2003 a 2007 (KNOX, 2009). Mas em 2010, quando vivenciamos a parte final da festa na missa na igreja local presenciamos a sessão de fotos.

É uma festa religiosa organizada diretamente, em parte por grupos ligados à Igreja católica, e indiretamente, por lideranças no trabalho da pesca, em personificações de autoridade moral ou ética que estes representam como a escolha do proprietário do barco que levará a santa. Os grupos católicos são assim representados pelos Missionários das Santas Missões, pelos grupos de oração, pelo grupo de jovens, pelo grupo do Terço dos Homens.

As comemorações duram uma semana, que normalmente é a última semana de Janeiro ou a primeira de fevereiro. Há muitos anos atrás a festa N. Sra. Dos Navegantes era comemorada em Agosto. Percebe-se nesta mudança de data uma tentativa de unificação das festas de Iemanjá e de N.Sra. dos Navegantes.

Na semana da festa as atividades religiosas (missas, reza do terço, orações coletivas) são transferidas para a quadra de futebol em frente à capela. Ao ar livre todos os grupos religiosos da igreja participam. A festa termina no domingo, pela manhã, com uma *procissão marítima*, uma *procissão terrestre*, com os moradores acompanhando o altar de N.Sra. dos Navegantes e de São João, a pé pela cidade, e a *missa final*, já por volta das 13h.

No espaço do *sagrado expandido* até a quadra há uma disputa relativa ao espaço e tempo para se poder participar das barracas montadas com o sagrado (Objetos religiosos, santos, camisas com santos, etc) e para montar barracas para vendas de outras coisas não sagradas (bebida alcoólica, alimentação, e atividades lucrativas que não vão para os grupos religiosos e para a igreja católica) ao redor da quadra. No centro da quadra, cadeiras de plástico são dispostas em frente a um palanque com cobertura onde ficam os animadores, os apresentadores das atividades e os que coordenarão as atividades.

Com bastante participação juvenil é a apresentação teatral do grupo de jovens da igreja e do escoteiro, que parecem ser duas agremiações diferentes com os mesmos membros, e o grupo dos missionários. Normalmente no teatro representam a vida da comunidade, suas personalidades mais antigas, pescadores, enfim, recontam o mito de origem e a história da região. O que confirma também a idéia de tempo de nascimento, mudança e morte/renascimento, do tempo religioso, onde se pode perceber a vida e os costumes comuns.

Também há uma *Cavalgada* que é uma procissão de dezenas de cavaleiros e cavalos vindos de vários locais os quais passam em várias praias vizinhas também. Essa tradição mostra como a organização social da comunidade pesqueira se complementa em atividades do campo, como a pecuária e a agricultura. A cavalgada e a procissão marítima vão marcar o caráter regional da festividade, pois os cavaleiros e os pescadores envolvem em seus percursos as vizinhanças praieiras, marcando também amizades, além de marcar os tipos característicos da região, como os agricultores, os tropeiros, os viajantes, os comerciantes, os navegantes, os pescadores.

Vale lembrar que os pescadores das praias vizinhas são muitas vezes, parceiros de barco, ou de atividade pesqueira, pois compartilham os pesqueiros. As afiliações e amizades foram muito importantes em tempos atrás quando viajar significava passar pelas vilas próximas, em enormes caminhadas nas areias, ou em cavalgadas ou nos barcos, visto que não existiam estradas que ligassem as vilas à beira-mar através das dunas.

O percurso de ida da procissão varia entre a saída da igreja ao barco (800 metros). O barquinho com a Santa é levado por pescadores na catralha (barco pequeno usado na falta de um atracadouro), todos em pé, até chegar ao barco eleito previamente para levar a Santa na procissão marítima. O barco escolhido é sempre ornamentado pelos próprios pescadores com balões



coloridos e flores. Segundo o mestre Geraldo, 90 anos, o barco que leva a Santa deve ir à frente dos outros, e os outros devem ir atrás desenhando uma coreografia no mar. A procissão retorna após ir até a praia vizinha com a mesma ordenação dos barcos. Uma vez de volta na praia, entre a saída do barco que levou o andor da Santa na procissão marítima e a Igreja há uma caminhada na praia, por entre as ruas da vila de pescadores (2 km a 3 km). Geralmente a Santa é colocada em um barquinho que já está todo enfeitado com flores além de possuir um terço que rodeia toda a sua conferência. São João Batista, na maioria das vezes, fica em um andor separado, outro barquinho, os barcos possuem hastes de cada lado para homens e mulheres segurarem, revezando-se, envolvendo certo significado pessoal de responsabilidade.

Como é possível ver na foto abaixo a procissão caminha com pessoas vestidas de roupas de banho também. Neste tempo religioso alguns limites são suspensos, e o critério de participação é a crença.

Todos esses eventos são acompanhados pelos moradores que estão longe da vila. O turismo local também aumenta neste período de veraneio, conforme também foi descrito por Knox (2009).

A procissão entra na igreja e os santos voltam para o altar, ao som da banda, com cânticos e o padre realiza a missa. A festividade religiosa procura dar ao evento um espírito de coletividade, uma identidade coletiva aos participantes do rito, embora abrigue todo tipo de pessoas com diferentes idades, sexo e posição social. Entram no templo a banda e os apropriadamente vestidos. Após a missa há outra “procissão” que é uma fila para tocarem nas estátuas e tirarem fotos com os santos da festa. Este momento mostra como a história pessoal é marcada pelo tempo religioso o qual acompanha as trajetórias de vidas, entrelaçando a história pessoal e a coletiva com o tempo da comunidade e de sua organização social. Os recursos audiovisuais são utilizados dos Santos com os santos da festa como marcas de passagens da vida. Este entrelaçamento nos faz percorrer o caminho reflexivo sobre a construção de identidades sociais e a busca do sagrado na condução da vida. Assim os filhos da terra que estiveram ausentes, morando em outras plagas, o ano todo, voltam para se “recarregar de energias” com a festa.

#### O SINCRETISMO NA FESTA

A oposição entre Sagrado e profano fica explicitada em vários momentos, quando no título do folheto da semana da festa, em 2003, foi escrito “A festa 100% religiosa”, fazendo referência à retirada de tudo o que pode ser considerado profano. Sabe-se que no viés das articulações da festa, isto foi resultado da decisão das autoridades religiosas de suspenderem barracas que vendessem bebidas alcoólicas, ou comidas não autorizadas.

O sincretismo religioso brasileiro se revela na manifestação religiosa relatada quando para o catolicismo, N. Sra. dos Navegantes é a Virgem Maria, para religiões de matrizes afro descendentes, ela é a rainha do mar, Iemanjá. Os festejos populares acabam misturando as 2 figuras femininas. Os conflitos decorrentes desse sincretismo aparecem de várias formas, tanto quanto a sua não legitimação pelas autoridades religiosas católicas, através de um discurso de condenação de analogias simbólicas.

Nesta época de festa religiosa o tempo sagrado potencializa as autoridades locais e seus poderes. É como se a religiosidade popular misturasse símbolos cristãos, símbolos arcaicos e ainda símbolos pagãos. Causando, também, a mistura e a reinvenção de significados.

#### A GUIA DE CONCLUSÕES

A relação com o tempo religioso na experiência com o Divino faz emergir um tempo cíclico semelhante ao observado nas economias pré-capitalistas. Neste sentido as ações (religiosas, sociais e econômicas) são orientadas pelas experiências não planejadas com o cálculo racional, mas

pela tradição de um fazer fundamentado em um saber local e na crença do poder da providência sobrenatural.

Assim a Santa, em 2003, no primeiro domingo de Fevereiro, dia marcado para a procissão, não pôde realizar todo o percurso da procissão naval, que tradicionalmente realizava com todos os barcos acompanhando porque os mesmos, segundo a Capitania dos Portos/Marinha, não tinham a manutenção de segurança correta para levar a população. Os barcos embora estivessem enfeitados de balões e toda a sorte de crentes os quais acreditavam navegar pela fé, foram impedidos, de prosseguirem na procissão até a outra praia pelos guardas da Capitania dos Portos que munidos de apitos, coletes salva-vidas e lanchas, apesar da resistência dos barcos no mar, eles tiveram que voltar e finalizar a procissão.

Era perceptível frustração que remetia não somente à questão do sagrado e da proteção divina, mas aos padrões necessários e impostos pela moderna providência e segurança humanas. Não mais a natureza ou Deus, mas sim uma avaliação técnica, balizada em cálculos padronizados e abstratos de probabilidade técnica-científica que preconiza o necessário para o sucesso. Portanto, neste evento relatado, é possível perceber as transformações das estruturas temporais de sociedades pré-capitalistas com as pressões de modernização, e a presença de elementos externos ao local, como uma força penetrante e transformadora quando provoca a entrada de novos padrões culturais, técnicos e econômicos.

Na vila Pitangui, percebe-se que o momento da festa é um ponto importante e diferencial de outros dias, religiosos, ou não, pois dá marcas e significados singulares na vida social da comunidade. A identidade social é reforçada e a memória coletiva fortalece a coesão social. O turismo religioso, tanto quanto o cultural, é feito acompanhando estas *passagens*.

Enfim, a religiosidade costuma expressar essa vontade de (re)ligação com o Absoluto, e de renascer da consciência histórica de nossa mortalidade. Assim as festividades cumprem um papel de portal para as reflexões sociais e coletivas sobre o mistério e sobre a vida de extrema importância.

#### *Referências*

- CORBIN, Alain (1989). *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo. Companhia das Letras.
- DA MATTA, Roberto (c1991). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro. Guanabara.
- ELIADE, Mircea (2004). *O conhecimento sagrado de todas as eras* São Paulo. Mercuryo.
- ELIADE, Mircea (1992). *O sagrado e o profano: a essência das religiões* São Paulo. Martins Fontes.
- KNOX, Winifred (2009). *Vivendo do mar: modos de vida e de pesca*. Natal. Edufrn.
- NERI, Marcelo (2011). *Novo Mapa das religiões no Brasil*. FGV. CPS.
- PEREIRA, João Batista B. (2013). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo. Edusp.
- SOUSA, Rodrigo Franklin de (2013). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo, v. 27, n. 79: 285-288.

